

MANUEL DE FIGUEIREDO
CONSERVADOR DO MUSEU NACIONAL DE SOARES DOS REIS

O PINTOR HENRIQUE POUSÃO



CÍRCULO DR. JOSÉ DE FIGUEIREDO
Palácio dos Carrancas — Rua de D. Manuel II
PÔRTO



Pousão, Henrique
G

As atira-fotografos de
Henrique Silva, um poeta
e um entusiasta da
febre da Poesia - com
um apelo e um pato

of. o

O PINTOR HENRIQUE POUSÃO

Henrique Pousão



0265



Barcelone
Perme.

Luís Manuel de Figueiredo e
Omar Amorim

O PINTOR HENRIQUE POUSÃO

Não tenho palavras com
que posso manifestar. E é meu
agradecimento pela pontilheira da
oferta do seu livro. Tenho por Pousão
uma admiração doentia. Chego
mesmo a pensar-me iludido que
é meu contemporâneo, apenas por ter
passado algum tempo d'infância
na minha terra.

Continue, pois, a trabalhar
no o flanco de Pousão, para mais
fundo afulhar esse combado
de boiadores, que para ahi de
sempre dos esvoaços li men-
mente!



Opusculo da Adm. do
Museu

Porto
20/10/1944

MANUEL DE FIGUEIREDO
CONSERVADOR DO MUSEU NACIONAL DE SOARES DOS REIS

O PINTOR HENRIQUE POUSÃO

SEPARATA DA REVISTA

M V S E V

Vol. I — 1942

CÍRCULO DR. JOSÉ DE FIGUEIREDO
Palácio dos Carrancas — Rua de D. Manuel II
PÓRTO

C.M.F.
Biblioteca

IMPrensa MODERNA, LTD.

RUA DA FÁBRICA, 80 — PÔRTO

À BENDITA TERRA ALENTEJANA

BERÇO E TÚMULO

DE

HENRIQUE CÉSAR DE ARAÚJO POUSÃO

E SANGUE, ESPERANÇA E SONHO

DE

MARIA DE LOURDES BARAHONA DE MATOS
BRAAMCAMP FIGUEIREDO

ÊSTE ESTUDO

PERTENCE E É OFERECIDO

EM DOCE E AMOROSA SAUDADE

O PINTOR HENRIQUE POUSÃO

I

A FAMÍLIA E A INFÂNCIA

ALENTEJANO pelo nascimento e pelo sangue, Pousão, Henrique César de Araújo Pousão, nasceu em Vila-Viçosa a 1 de Janeiro de 1859. Em Vila-Viçosa foi baptizado, dias depois, na igreja paroquial de S. Bartolomeu; por padrinhos, seu avô paterno e D. Maria das Dores Veiga Matroco, mulher do primo-irmão de seu pai, Manuel Maria Matroco.

Filho de Francisco Augusto Nunes Pousão e de sua primeira mulher, D. Maria Teresa Alves de Araújo, ambos naturais de Vila-Viçosa, com ascendência alentejana, (Évora) algarvia, (Castro-Marim) e espanhola, (Andaluzia) Henrique Pousão, terceiro génito do casal, teve, como irmãos mais velhos, Augusto Carlos e Maria Helena — Senhora que viria a ser, um dia, a mãe do Poeta João Lúcio — e, como irmãs mais novas, Maria do Carmo e Adelaide Virgínia.

Cinco foram, portanto, os filhos do primeiro matrimónio de Francisco Augusto Nunes Pousão, casado logo após a sua formatura em Direito. Dezasséis anos apenas contava a noiva que, à data do nascimento do terceiro filho, pouco mais teria de vinte. Vivia então o casal Pousão numa casa da Corredoura, ainda existente, pertença, ao tempo, do avô materno de Henrique, e vendida, anos depois, à *Lavradora da Sancha*. Reinava o muito amado Senhor D. Pedro V e o Dr. Francisco Augusto, estabelecido com banca de advogado em Vila-Viçosa, exercia, por êsse ano distante de 1859, o cargo de Administrador do Concelho.

Difícil e trabalhosa foi a criação de Henrique Pousão. Porque a mãe, talvez já enfraquecida e tocada do mal que a viria a vitimar, o não pudesse amamentar, houve que confiá-lo aos cuidados de uma ama. E nos braços e seios de novas amas andou o menino, a tódas secando o leite, a ponto de numa noite de maior aflicção o pai o ter levado à cadeia, onde uma prêsa de pequeno delito, mulher asseada e de bons costumes, lhe deu de mamar! Da variedade e mistura de leites lhe viria o talento, diriam mais tarde, brincando, os irmãos do pintor!

Despachado para Elvas, como delegado do Ministério Público, o Dr. Francisco Augusto viu-se forçado a abandonar Vila-Viçosa com a mulher e os filhos, deixando porém Henrique, de três anos, entregue aos cuidados do avô e padrinho, que dêle se não quis separar.

Já viúvo, vivia o velho Pousão com a cunhada — «a tia Coleta» — e a nora, também viúva, e quatro netos, filhos desta. Henrique foi, assim, o quinto neto que lhe entrou em casa.

O velho adorava o pequeno que sempre o acompanhava, e vestia-o, em miniatura, à sua imagem e semelhança: calça comprida, chapéu de aba larga e capa à espanhola.

Não teria ainda cinco anos quando o avô morreu. Acompanhado pela tia Coleta parte então para Elvas, para casa do pai, já casado em



HENRIQUE POUSÃO, em 1864

segundas núpcias. Seis meses decorridos sobre a morte da mulher, vitimada pela tuberculose, sem sair de Elvas — a dificuldade de transportes a condicionar e a ampliar as distâncias — o Dr. Francisco Augusto contraíra casamento, em Vila-Viçosa, por procuração. Manuel Maria Matroco, o marido da madrinha de Henrique e cunhado da noiva, fôra, para tal efeito, o representante e procurador escolhido.

Sete anos esteve em Elvas, como delegado, o Dr. Francisco Pousão. Em Elvas, portanto, aprendeu Henrique as primeiras letras, revelando tão precoce talento que tendo acompanhado a Portalegre o irmão mais velho para lhe assistir ao exame, foi acidentalmente interrogado pelos examinadores e tido por bom e aprovado! Ditosos tempos aquêles em que os exames primários se realizavam sem quaisquer formalidades burocráticas!

Passava-se isto em 1867. Descuidados e felizes os portugueses recitavam, ao piano, as «Flores d'Alma», de Tomás Ribeiro. Só os políticos, no Parlamento ou fora dêle, se entretinham a dizer mal uns dos outros e do País...

Já antes porém de *letrado* o Artista se revelara. Ainda talvez com sete anos, uma noite, ao serão, Henrique copiou de um globo do candeeiro de petróleo, que alumiaava e aquecia a família, umas flores (?), e, por tal forma, que o pai, surpreendido, guardou o desenho e, no dia seguinte, naturalmente envaidecido, o mostrou aos amigos. Surpresos ficaram êstes também, e um dêles, o engenheiro Evaristo Pinto, mais entusiasta, acon-

selhou o «amigo» a mandar o filho estudar desenho, conselho que foi seguido, iniciando Henrique os estudos, dias depois, numa aula ao tempo existente em Elvas.

Não só não era a família Pousão estranha ou indiferente às manifestações de Arte, como é mesmo de supor que o Dr. Francisco Augusto possuía apurada sensibilidade artística. Às noites, ao serão, era frequente vê-lo rodeado dos filhos a mostrar-lhes, num álbum, reproduções de quadros célebres, e retratos de artistas e de escritores. Preleccionava-os em história, francês e geografia, e lia-lhes, em voz alta, trechos selectos. E a velha tia Coleta quando lhe mostravam desenhos do sobrinho-neto, exclamava: *Não admira: tem a quem sair!* Referia-se ela a seu irmão André, tio-avô de Henrique, funcionário aposentado da Câmara Municipal de Évora, então já com oitenta anos e que se dedicara, parece que com rara mestria, a esculpir, em madeira, imagens de santos e pequenas miniaturas «românticas», ao gosto da época.

Do segundo matrimónio teve o Dr. Francisco Augusto mais sete filhos. De um deles, Arnaldo de nome, foi padrinho o Dr. Manuel Nicolau de Abreu Castelo-Branco, Administrador do Concelho de Elvas ⁽¹⁾.

Apreciador dos desenhos do filho do seu antigo colega de Vila-Viçosa, e, talvez, dos cenários para as «teatradas» que Henrique, de parceria com os irmãos e o filho do «José dos Presuntos», seu amigo, organizava e representava em casa, e conhecedor, das suas ambiciosas e mais íntimas aspirações, o Dr. Castelo-Branco, numa das suas idas a Lisboa, trouxe-lhe, da capital, um admirável presente: um *chapéu à Rubens!* E vestido à Rubens, calção e casaco de veludo e gola branca, chapéu levantado ao lado, foi êle um dia surpreendido pelo pai, defronte de um espelho, a desenhar o seu auto-retrato. Parece, porém, que essa inesperada visita o incomodou e, talvez envergonhado pela audácia que tivera, desistiu do retrato apenas esboçado. O pai, ainda que lamentando a indiscrição cometida, contou a alguns amigos o sucedido, e um deles, o poeta José Simões Dias, escreveu a poesia a seguir transcrita na íntegra, não pelo primor dos versos, mas pelo que êles revelam do precoce talento do «homenageado» e da carinhosa admiração que já merecia à *gente grande*, pressentindo nêle o Artista excepcional que, de facto, viria a ser um dia.

(1) Manuel Nicolau de Abreu Castelo-Branco Cardoso de Melo, 3.^o Conde de Fornos-de-Algodres, bacharel formado em Direito, casado em primeiras núpcias, a 13 de Janeiro de 1869, com sua prima D. Eduarda Henriqueta de Abreu Castelo-Branco do Amaral e Sousa, 2.^a Viscondessa de Fornos-de-Algodres. Nasceu em 1839. Faleceu em 1913.

*a HENRIQUE POUSÃO**(Para o álbum de seu pai)*

Gentil criança ! o genio da pintura
Abre-te as portas do doirado templo,
Onde inclinada para ti contemplo
De Zeuxis a magnanima figura !

Faz gosto ver-te assim na idade bella
Dos vãos prazeres infantis do berço
Esquecido do mundo, o olhar immerso
No lapis que deslisa sobre a tela !

Admira-me a atenção, com que t'empenhas
Em tal idade, meu precoce artista,
Em abranger com tão certa vista
Esses prodígios d'arte que desenhás !

Quando te vejo assim tão pequenito
Afadigado nos labores da arte,
Os olhos distendendo a toda a parte
Em procura dum sonho... do infinito...

Mal creio no que vejo, e então confesso
Que por vezes me fazes duvidar,
Se em corpo tão pequeno pode andar
Tão grande genio, como em ti conheço !

Eu sei o que isso é... eu também posso
Dizer o que é sonhar e o bem que faz
Um sonho desses quando se é rapaz
E julgamos que o mundo é todo nosso.

Erguer-se a gente num rochedo, em pé,
E alçar a fronte ao ceu todo estrelado
Por cima o horizonte dilatado...
Que lindo panorama esse não é !

Tambem sonhei, criança, e se é verdade
Que um sonho desses vale um milhão d'annos
Quem me dera viver d'esses enganos
Da minha descuidada mocidade !

Embora, sonha sempre, e Deus permitta
Que nunca em ceu tão lindo algumas nuvens
Possão toldar, meu pequenino Rubens
Essa luz que a tua mente à glória incita.

la Henrique Pousão a caminho dos doze anos e já o pai aguardava a sua próxima transferência para Barcelos. Outra paisagem, mais verdejante e alegre, mas mais maneirinha, sem as amplas e geométricas perspectivas alentejanas, iria, agora, reflectir-se nos seus olhos curiosos de *visual*. O futuro aluno da Academia Portuense de Belas-Artes dentro de meses começaria os estudos.

Vila-Viçosa e Elvas ficavam já para trás, passado vivido a projectar-se no futuro. Da infância descuidada, que estava a tocar seu termo, recordações enternecidas que nunca mais o abandonariam: — a mãe, o avô, o seu amigo filho do «José dos Presuntos», as teatradas, o chapéu «à Rubens», e, ainda aquêle pintassilgo, seu discípulo, que aprendera a tirar água com um pequeno balde e de que fôra coveiro num dia triste, enterrando-o no jardim dentro de um pequenino esquife de vidro e papel dourado, amorosamente confeccionado por suas mãos! E talvez mantivesse ainda firme a secreta esperança de encontrar, antes de abandonar Elvas, a gatinha tanto do seu affecto, por traiçoeira denúncia enviada pela madrastra para longes terras, a bem da saúde do enteado que, dando à gata, às escondidas, os melhores «bocados» do seu almôço e jantar, emagrecia de dia para dia, enquanto a «bichana» engordava a olhos vistos, ante o espanto de todos!

Enternecidas lembranças da sua delicada e rara sensibilidade infantil, que, mais tarde, se havia de reflectir, vinda do seu sub-consciente, em tantas das suas telas!

II

O ESTUDANTE

LARGOS meses, mais de ano e meio, viveu Henrique Pousão com a família em Barcelos, antes de iniciar, no Pôrto, os estudos. E de novo surge na sua vida, como dedicado amigo e protector, o Engenheiro Evaristo Nunes Pinto (¹), aquêlê mesmo que, anos antes, em Elvas, aconselhara o Dr. Pousão a mandar o filho para a aula de desenho.

Em sua casa o recebe e recolhe durante o curto noviciado de artista-aprendiz com o Pintor António José da Costa (²) e, ainda, nos primeiros meses do curso,

Quando, em 7 de Outubro de 1872, Henrique Pousão se apresentou pela primeira vez na Academia Portuense de Belas-Artes, à abertura das aulas, contava treze anos, feitos em Janeiro. Era, ainda, um rapazinho franzino, tímido e reservado (³).

Mais tarde sabemos que viveu na Rua Formosa (⁴), na Praça da

(¹) Engenheiro e construtor da «Emprêsa do Caminho de Ferro, sistema americano, do Pôrto à Foz». Director, com Camilo Mongeon, do Consultório de Engenharia, sito na Rua de Santo António, 229 (ver *Almanaque Portuense para 1873*, 13.º ano da sua publicação — Pôrto — Tipografia Lusitana, 84, Rua das Flores, 84 — 1872).

Evaristo Nunes Pinto foi, ainda, engenheiro da Câmara Municipal do Pôrto, onde iniciou os estudos para os esgotos da cidade.

(²) Aluno da Academia Portuense de Belas-Artes; discípulo do Escultor Manuel da Fonseca Pinto e do Pintor João António Correia. Nascido no Pôrto a 8 de Fevereiro de 1840, em 1862 tinha terminado o curso, dedicando-se ao ensino. Foi professor de Artur Loureiro, Sousa Pinto, Júlio Costa, Henrique Pousão, etc..

Faleceu no Pôrto a 13 de Agosto de 1929. Notabilizou-se como pintor de *naturezas-mortas* e de flores.

(³) *Pousão-deu as 1.ªs lições com Ant. Costa e depois foi para a Academia. Aprendeu só 1 a dois mezes o Abc. Foi Evaristo Pinto que o trouxe. Era um delicado, uma menina.*

Das informações prestadas por António José da Costa ao Dr. José de Figueiredo, e por êste anotadas, a lápis, em pequenas fôlhas soltas que possuo.

(⁴) Em casa de um irmão do Architecto Sr. Marques da Silva. Informação do Pintor José de Brito, Professor jubulado da Escola de Belas-Artes do Pôrto, que nessa casa também esteve hospedado.

Batalha ⁽¹⁾ e, ao terminar o curso, vamos encontrá-lo nas Escadas do Codeçal, como expressamente o declara o *Catálogo das obras apresentadas na 12.^a Exposição Trienal da Academia Portuense de Belas-Artes de 1878*.



HENRIQUE POUSÃO, em 1872
ou 1873 (?)

Da sua passagem por Barcelos existem, pelo menos, dois trabalhos seus, hoje ainda na posse da família do pintor ⁽²⁾: um desenho à pena, colorido a aguarela (possivelmente cópia) «Immortelle», — assinado: H. Pousão, Barcellos — 30-12-1872; e uma aguarela, esta original, no verso da qual o pai, o Dr. Francisco Augusto, escreveu: *Barcellos — Collegiada — Ruínas dos Paços dos Duques de Bragança — Ponte do Cavado, vista tirada em 1872, por H. Pousão*. A data do primeiro trabalho dá-nos uma indicação segura quanto à época em que foi realizado: férias do Natal, as primeiras passadas com a família, já aluno da Academia. A segunda aguarela pode ser anterior ou posterior à sua entrada para a escola.

Poucos meses mais, porém, viveria em Barcelos a família do Dr. Pousão ⁽³⁾. Acusado publicamente pelo Juiz, o Visconde de Vessa-

(1) Casa situada no terreno onde hoje se encontra o Cinema da Batalha. Informação da mesma proveniência.

(2) Pertencem ao Sr. Dr. Francisco Fernandes Lopes, erudito e ilustre clínico em Olhão, casado com uma filha de D. Maria do Carmo de Araújo Pousão Ó Ramos, irmã mais nova de Henrique. Ao seu devotado culto à memória e obra do Artista e à sua generosidade, devo eu, e ficam devendo os leitores, a quasi totalidade das informações de que me servi, tão cuidadosamente reunidas e tão pródigoamente ofertadas. Bem expresso deve ficar, portanto, o meu agradecimento a quem, *de direito*, é o autor deste estudo.

(3) O Dr. Pousão esteve com a família em Barcelos desde Janeiro (?) de 1871 a Junho ou Julho de 1873. Habitou um 1.^o andar, numa casa da Rua Direita. Por baixo ficava a loja de um ferrador. Íntimos da casa: o «poeta» António Malheiro, verzejador ao desafio com o Dr. Pousão, e o Dr. Osório que, um dia, levou o «Henriquinho» a Braga para lhe mostrar «as belezas artísticas da cidade».

Outros amigos ou conhecidos: o escrivão Cardoso, o escrivão Alvarenga, o Sr. José Leite, o Sr. Manuel Loureiro e, ainda, o Dr. Rodrigo Augusto de Cerqueira Veloso, em casa de quem esteve hospedado e realizou uma exposição «por convites» um pintor espanhol, a primeira exposição que Henrique Pousão viu e... admirou.

Ao filho do ferrador, que tocava desalmadamente cavaquinho, fez o Dr. Pousão uma verselhada de que transcrevo a primeira quadra, como nota pitoresca da época e do meio:

Cruel tocador de cavaquinho
Maldito sejas tu e o teu «Malhão»,
Sossêgo tu não tenhas nesta vida
Nem mesmo quando estejas no caixão.

das ⁽¹⁾, de receber presentes dos presos, o Dr. Francisco Augusto trava no *Aurora do Cávado* pública polémica com o Magistrado, apresentando, em sua defesa, honrosos atestados firmados pelos juizes das comarcas onde anteriormente servira. Apaixonaram-se — parece — os barcelenses pela questão, tomando franco partido pelo Doutor-Delegado, e a tal ponto que, quando da sua transferência para Guimarães, o povo da vila manifestou-se por forma tão ruidosa e violenta, em público desagravo de simpatia e aprêço, que a casa solarenga do Juiz, situada em Barcelinhos, na margem esquerda do Cávado, junto à estrada real, correu sério risco de ser apedrejada ⁽²⁾.

Até Novembro ou Dezembro de 1875, viveu, em Guimarães, o Dr. Francisco Augusto ⁽³⁾. Criada porém, por decreto de 31 de Agosto dêsse ano a nova Comarca de Olhão, para lá é transferido, em 28 de Outubro, data da sua promoção a Juiz de 3.^a Classe; mas só em Dezembro, a 20, tomaria posse do cargo.

Henrique ficara no Pôrto, bem distante dos seus. E porque longa e dispendiosa era a viagem só nas férias grandes se reunia à família.

Como estudante três vezes esteve em Olhão. A quarta e última vez que lá foi terminara já os estudos e, com vinte anos feitos em Janeiro, aguardava, esperançado, o concurso para o pensionato em Paris.

Coincidiu essa sua última estada em Olhão com nova transferência do pai: Outubro de 1879. Uma vez mais de casa mudada, o Dr. Francisco Augusto acompanha a Vila-Viçosa a mulher e os filhos, em visita aos parentes. Visita curta: escassos vinte dias apenas. Na última semana de Outubro de 1879, já toda a família se encontrava de novo reunida em Odemira.

O Dr. Augusto Pousão chegara alguns dias antes, sozinho, vindo de Lisboa onde, a 4, prestara juramento, tomando posse da Comarca a 11 do mesmo mês. Henrique que, em Vila-Viçosa, fôra hóspede da madrinha — irmã da madrastra — e lhe namorara a filha, sua prima Francisca, sentia-se agora como prisioneiro, impaciente por regressar ao Pôrto; em breves meses se deveriam realizar os almejados concursos. Outubro findara e Novembro ia quasi no fim. Confinado nos limites estreitos de um pequeno orçamento, o Juiz Pousão via-se obrigado — dolorosamente forçado — a adiar,

(1) Conselheiro Manuel José Botelho. Foi Juiz do Supremo Tribunal de Justiça.

(2) Dos apontamentos coligidos pelo Sr. Dr. Francisco Fernandes Lopes.

(3) De meados de 1873 (Junho ou Julho) até fins de 1875 (Novembro ou Dezembro) esteve o Dr. Pousão em Guimarães.

De Guimarães, existe, em casa do Sr. Dr. Silvestre Falcão Ramalho Ortigão, casado com uma sobrinha de Henrique, filha de D. Maria Helena de Araújo Pousão Lúcio, uma tela a óleo; o *Castelo de Guimarães*. Dêsse trabalho diz o Sr. Dr. Francisco Fernandes Lopes: «É pintura bastante ingénua, primitiva ainda, mas muito curiosa, — um bom documento para se avaliar da evolução do pintor».

a protelar, a viagem do filho. Finalmente partiu Henrique Pousão de Odemira, chegando ao Pôrto nos primeiros dias de Dezembro.

Novas perspectivas se abriam agora na sua frente. Novos caminhos a trilhar; Paris, «o sonho» a atingir...

«*Estou cansando de uma maneira incrível*», e, sem pousar o «carvão», continuava a desenhar, mesmo na hora de descanso, que o desenho do seu condiscípulo, e rival, Sousa Pinto ia já mais adiantado ⁽¹⁾...



HENRIQUE POUSÃO, em 1878

Sousa Pinto ⁽²⁾ desenhava com grande facilidade e rapidez o que afligia Pousão que não queria figurar de atrasado ante os olhos severos do Mestre Tadeu ⁽³⁾.

Só no quinto ano, o último, mudaria de mestre; as cadeiras de desenho *do modelo vivo e de pintura histórica* pertenciam a João António Correia ⁽⁴⁾ que, prático e sabedor, constantemente recomendava aos alunos o maior cuidado com as tintas, preferindo a boa qualidade destas aos lindos efeitos obtidos com cores bonitas mas falsas ⁽⁵⁾.

Rivalizando com Pousão, além de Sousa Pinto, outro condiscípulo de notórios méritos: Custódio da Rocha ⁽⁶⁾.

Mas entre todos os camaradas e condiscípulos, um havia, porém, merecedor da sua especial estima: José de Brito, seu companheiro de casa que, pela Páscoa, discretamente o acompanhava à desobriga ⁽⁷⁾. Piedoso e crente, Pousão, que trazia em si a religio-

(1) Estribilho de Pousão. Informações dadas, em 1935, ao autor dêste estudo pelo Sr. Augusto César Ramos, Director da Empresa das Águas de Entre-os-Rios, condiscípulo e amigo de Pousão.

(2) José Júlio de Sousa Pinto. Natural de Angra-do-Heroísmo, mas de família portuense. Falecido em Paris em 1939.

(3) Tadeu Maria de Almeida Furtado. Professor de desenho até ao 4.º ano; *Academias*; estampa e gesso.

(4) 1822-1897. Natural do Pôrto; foi Professor da Academia Portuense de Belas-Artes a partir de 1856.

(5) Informação prestada pelo Sr. Augusto César Ramos.

(6) Desenhava muito bem. Era muito pobre e morreu muito novo. Grande amigo de João Augusto Ribeiro e protegido do Professor João António Correia. Informação da mesma origem.

(7) Informação dada pelo ilustre Arquitecto Sr. Júlio de Brito, que a ouviu a seu pai, o Professor José de Brito.

sidade da planície alentejana, então ainda profundamente católica, apostólica, romana, sentia-se ferido na sua delicada sensibilidade, e natural timidez, por aquêles falso catolicismo pedreiro-livre dos portuenses liberais — a que a Academia não era estranha — filhos confessos da Igreja mas declarados inimigos dos seus dogmas e dos seus ministros.

Aluno louvado e premiado, não desperdiçava Pousão o dinheiro merecidamente ganho como recompensa do bom ano escolar. O pouco que lhe ficava do fato que habitualmente mandava fazer, dispendia-o em pequenas lembranças para o pai, para a madrastra, para as irmãs e... em castanhas assadas que saboreava e oferecia aos amigos!

Da sua passagem pelo Pôrto, outras recordações ficaram...

D. Emília Aroso Moreira, já falecida, largos anos guardou, saudosamente, as cartas de amor dêle recebidas em cinco anos de noivado. A uma filha desta senhora pertence, ainda hoje, uma fotografia do quadro «Cecília», admitido ao *Salon* de Paris de 1882, com êste oferecimento singelo mas expressivo:



HENRIQUE POUSÃO (esquerda) e JOSÉ DE BRITO (direita), quando alunos da Academia Portuense de Belas-Artes

A TI

Off.º esta pequena prova do meu estudo.

Teu

HENRIQUE.

Roma, 9-4-82 (1).

Ainda de Henrique Pousão, estudante da Academia, mais uma pequena nota, a provar o apreço em que era tido, como artista e como homem: a

(1) Informação dada pelo pintor Agostinho Salgado, Conservador do *Museu Nacional de Soares dos Reis*.

cópia da carta dirigida, em 28 de Maio de 1875, ao Juiz Pousão pelo seu amigo, de Barcelos, Dr. Rodrigo Augusto de Cerqueira Veloso (¹):

Soube últimamente no Pôrto, onde fomos passar alguns dias, do novo triunfo alcançado por seu Ex.^{mo} filho, o Sr. Henrique Pousão, com o magnífico retrato, que desenhou, copiando-o da fotografia, do Infante D. Afonso e não posso deixar, tomando como tomo parte em tôdas as alegrias de V. Ex.^a e de sua família, deixar de trazer-lhe por tal successo meu cordealíssimo parabém.

No Paço, como V. Ex.^a deve bem saber, foi muito e devidamente apreciado o trabalho do Sr. Henrique por excelente, mas não o foi menos das pessoas estranhas àquêles que o viram.

É um magnífico talento e uma esplêndida vocação aquela e que a V. Ex.^a deve ter dado e dará em breve tempo largas e íntimas alegrias.

Quere que lhe diga, meu amigo, abrindo-lhe a minha alma — um filho assim, invejo-lho! Muito mais que a elevação do seu talento e carácter, reüne a mais cândida (deixe-me empregar êste têrmo que me parece cabido) e suave modéstia.

É êste juízo não só meu, mas de todos que o conhecem, e os frutos que de si já tem dado.

Cêrca de um ano reside ainda Henrique Pousão no Pôrto, depois do seu regresso de Odemira.

Há, dessa época, alguns desenhos seus reproduzidos em gravura nas revistas *O Ocidente* (²) e *A Arte Portuguesa* (³), revistas estas em que colaboraram algumas das figuras mais representativas do Centro Artístico Portuense (⁴), a que Pousão pertenceu desde o início e foi um dos mais novos e valiosos elementos.

(¹) Nascido em Ponte-da-Barca a 4 de Fevereiro de 1839, faleceu em Lisboa a 24 de Junho de 1913. Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, foi polígrafo e bibliógrafo distinto. Exerceu largos anos a advocacia em Barcelos, onde fundou o *Aurora do Cávado*, jornal que dirigiu de Fevereiro de 1868 a Agosto de 1898.

(Ver: *Portugal. Diccionario Histórico, Corográfico, Biográfico, Bibliográfico, Heráldico, Numismático e Artístico*, por Estêves Pereira e Guilherme Rodrigues, vol. III).

(²) Revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro, fundada por Caetano Alberto da Silva, 38 vols., Lisboa, 1878 a 1915.

(³) Órgão do Centro Artístico Portuense. Conselho de Redacção: Parte artística: Tomás Augusto Soller, architecto. António Soares dos Reis, escultor. José Marques da Silva Oliveira e António José da Costa, pintores. Parte literária: Joaquim de Vasconcelos e Manuel Maria Rodrigues.

(⁴) O *Centro Artístico Portuense*, fundado por Soares dos Reis, Marques de Oliveira e Joaquim de Vasconcelos, era um lugar de reunião de artistas. Não havia mestres.

«Soller esboçou um cartão para o Centenário do Infante D. Henrique. Depois

Aberto finalmente concurso para «pensionistas do Estado no estrangeiro da classe de paisagem», Pousão a êle concorre juntamente com o aluno da Academia de Belas-Artes de Lisboa — António Ramalho ⁽¹⁾.

Provas brilhantes as dos dois candidatos, ambos, por igual, aprovados em mérito absoluto; em mérito relativo foi, porém, Henrique Pousão o preferido em conferência geral do júri efectuada a 6 de Agôsto de 1880, escolha aceite e confirmada a 1 de Setembro por portaria do Ministério do Reino ⁽²⁾.

Na segunda quinzena de Novembro, sem voltar a Odemira, Pousão segue viagem para França, com demora de quatro dias em Madrid, especialmente destinados a uma visita ao Museu do Prado.

Chegado a Paris a vinte-e-dois de Novembro, a vinte de Dezembro inicia os estudos nas oficinas dos professores Cabanel e Yvon; antes, porém, apresentara-se ao Director da Escola Nacional de Belas-Artes, Paulo Dubois. Frequentava então os cursos de perspectiva, história e anatomia, e desenha, desenha sempre, preparando-se, assim, para o concurso de admissão à Escola. Na prova final, entre os setenta candidatos escolhidos, obteve Pousão o trigésimo quinto



HENRIQUE POUSÃO, em 1878

todos colaboraram: Soares dos Reis, Pousão, Marques de Oliveira. O cartão representava um frontão em estilo manuelino; ao centro o Infante; ao lado outros personagens; rematava com ornatos manuelinos. Feito a carvão — tamanho dois metros de largo, menor de altura.»

Das notas dadas pelo pintor António José da Costa ao Dr. José de Figueiredo, hoje na posse do autor dêste estudo.

(1) António Monteiro Ramalho. (1859-1916) Natural de Barqueiros (Douro).

(2) As três provas do concurso foram, respectivamente:

1.^a prova: Paisagem. *A Rua Nova da Batalha.*

2.^a prova: Académia pelo modelo vivo. *Homem nu.*

3.^a prova: *Cabeça de jumento.* — Pertencem hoje ao Museu Nacional de Soares dos Reis.

N-O Ocidente, 3.^o volume a pág. 202, lê-se:

«Êste concurso, em que eram candidatos os Srs. Pousão e Ramalho, deu lugar a grandes debates. Os dois candidatos deram ambos provas de uma aptidão mais que vulgar e havia perfeitamente o que os franceses chamam «l'embarras du choix». O nomeado foi o Sr. Henrique Pousão, um artista de muito talento, que tem já no Ocidente dado provas do seu mérito.»

lugar, tendo antes, nos dois únicos concursos de *atelier* em que entrara, obtido a classificação de primeiro desenhador, no primeiro concurso, e de terceiro desenhador, no segundo. Um resfriamento — apanhado numa manhã nevada, em que o Artista seduzido pelo espectáculo surpreendente, e para



HENRIQUE POUSÃO, em 1881

êle inédito, da neve, saíra para o campo a pintar a grande mancha de brancos, tanto do seu agrado — tocou-o fundamente na sua débil compleição, acordando, nêle, a má hereditariedade materna.

Em carta de Bourboule-les-Bains, Puy-de-Dome, datada de 11 de Agôsto de 1881, dirigida ao seu amigo Manuel Joaquim Ó Ramos ⁽¹⁾, dizia Pousão :

Depois que o amigo me deixou em Paris, a minha doença agravou-se bastante a ponto de ter que pôr mais dois cáusticos além dos que já tinha pôsto antes. Em seguida fui obrigado a vir para Bourboule tomar as águas durante dois meses as quais me têm pôsto quasi bom.

E, mais adiante, depois de fazer referência a notícias recebidas da família, acrescentava :

Eu formo tensão de estar aqui até ao fim dêste mês, dirigindo-me depois com alguns dias de demora em Clermont, a Paris; aonde não ficarei no próximo Inverno por me ser muito prejudicial presentemente, e por isso é natural que vá para Roma ou Nápoles.

(1) Oficial de Marinha Mercante. Mais tarde cunhado de Pousão, pelo seu casamento com a «irmã Carmo».

De regresso a Paris, nos primeiros dias de Setembro, aproveita as melhores obtidas nos dois meses passados em Puy-de-Dome, Julho e Agosto, para recomeçar o trabalho. Em Outubro envia para a Academia Portuense de Belas-Artes, as suas primeiras *provas de aproveitamento*: quatro academias do modelo vivo; três realizadas na oficina de Cabanel e uma na do professor Yvon: duas paisagens a óleo e uma figura — «velha a dobar» (¹).

Todo o mês de Novembro passa-o ainda em Paris e só em Dezembro segue para Itália, chegando a Roma a vinte-e-sete: no trajecto duas curtas paragens; Turim e Pisa (²).

Sócio do *Círculo dos Artistas* frequênta, às noites, as sessões do modelo vivo; as suas figuras a aguarela, expostas no Museu Nacional de Soares dos Reis, devem ser dessa época e aí realizadas. De Roma, ainda, o seu quadro de género, Cecília (³), que, possivelmente, deveria ter concluído nos últimos dias de Março. A sua noiva, D. Emília Aroso Moreira e a sua irmã Maria Helena, dêle enviou fotografias datadas, respectivamente, de 9 e 4 de Abril.

Em Agosto, 30, vamos encontrá-lo já em Anacapri (⁴); Capri, Nápoles, Pompeia foram terras em que se fixou e em que trabalhou durante alguns meses, só regressando a Roma a 18 de Janeiro de 1883 (⁵). A sua convi-



HENRIQUE POUSÃO, em Nápoles, em 1882

(¹) Estas três telas, datadas de *S. Sauves*, pertencem hoje ao Museu Nacional de Soares dos Reis.

(²) Ver *O Ocidente*, pág. 99, ano de 1884, artigo de Manuel M. Rodrigues. Há um erro de data: Pousão chegou a Roma em Dezembro de 1881, e não em 82. Num álbum, hoje pertença de sua sobrinha D. Maria Júlia Pousão Pereira de Figueiredo, figuram dois desenhos a lápis, datados; *Roma, 30-12-1881*. E outro desenho, à pena, um retrato de homem: *Roma, 1881*.

(³) Admitido ao *Salon* de Paris em 1882.

(⁴) No álbum já citado de D. Maria Júlia, há uma fotografia com a seguinte dedicatória: *Al Signor Enrico Pousão nell occasione del mio onomastico. Rosina Ferace — Vila Paradiso — Anacapri, 30-8-1882*. E um retrato de homem — desenho — com a seguinte legenda da mão do pintor: *Nicola Ferace — Albergo Paradiso — Anacapri*.

(⁵) Ver *O Ocidente*, 1885, pág. 99.

vência e amizade com o pintor espanhol Pradilla (¹), de quem, no dizer de Manuel M. Rodrigues «recebeu conselhos e elogios» (²), principiou então.

De Roma envia para a Academia Portuense de Belas-Artes a sua segunda remessa de trabalhos (³), acolhida com geral agrado.

A 5 de Maio, a Academia consigna um voto de louvor ao seu antigo aluno e comunica-lhe essa deliberação, justa e honrosa. Em carta particular Tadeu Maria Furtado, seu antigo mestre, felicita-o também, e, referindo-se especialmente ao quadro «Esperando o sucesso», diz-lhe: «*É um encanto pela naturalidade da expressão e da posição, pelo seu lindo colorido; é um estudo de satisfazer o mais exigente*».



HENRIQUE POUSÃO, em 1883

De Roma volta Pousão a Capri, talvez em busca de alívio para os seus padecimentos que se tinham agravado. Para Odemira escrevia então ao pai, informando-o de que se *tinha constipado, andava um pouco rouco e se estava tratando* (⁴).

Os novos trabalhos de Capri, foram realizados, possivelmente, nos meses de Verão desse ano de 83, e marcam, na evolução do Artista, uma nova fase, a mais pessoal e ousada.

Com o Outono a doença agravou-se ou declarou-se francamente. Em Olhão, onde se encontrava em visita a sua filha Maria Helena, recebeu o Dr. Francisco Augusto carta de Henrique comunicando-lhe que *após vários tratamentos infrutíferos os médicos italianos lhe tinham aconselhado «ares pátrios»*.

E para morrer na terra querida que lhe fôra berço, regressou a Portugal, em demorada e fatigante viagem, trabalhando sempre, pintando sempre, como servem de prova algumas das pequeninas tábuas expostas no Museu Nacional de Soares dos Reis, documentário vivo das terras visitadas: Capri, Terento, Castellamar, Nápoles, Roma, Génova, Marselha, Barcelona, Valência, Sevilha, Huelva, Ayamonte, Vila-Real-de-Santo-António e Olhão... onde chegou, finalmente, nos últimos dias de Outubro «não só com bronquite mas tísico de todo» (⁴).

(¹) *Francisco Pradilha e Ortiz* (1846-1921). Pensionista em Roma. Autor entre outros trabalhos do quadro histórico «Joana, a louca».

(²) *O Ocidente*, artigo citado.

(³) «Antes do Sol» — paisagem de Capri. Outra paisagem de Capri (As casas brancas de Capri?) «Cansada». «Costumes de Capri». «Esperando o sucesso». E duas cópias: «Antes da tempestade», de Emilie Vernier (Paris — Museu do Luxemburgo). «El Delito», de Francisco Mancini (Real Palácio de Capri di Monte).

(⁴) Dos apontamentos pacientemente reunidos pelo Sr. Dr. Francisco Fernandes Lopes.

No regresso, com a família, a Odemira, vira-se o Juiz Pousão obrigado a separar-se do filho, que tomou o rumo de Vila-Viçosa, possivelmente a conselho dos médicos. O clima mais sêco do alto Alentejo estava-lhe naturalmente indicado de preferência ao do Alentejo marítimo.

E em casa da madrinha Matroco, onde, pela última vez, recebia carinhosa hospedagem, faleceu Henrique Pousão, longe do pai e das irmãs, às vinte-e-uma horas e meia do dia 20 de Março de 1884, na mesma freguesia de S. Bartolomeu em que fôra baptizado vinte-e-cinco anos antes (¹).

Em Fevereiro ainda escrevera uma pequena e sentida carta a sua irmã Carmo, felicitando-a pelo seu próximo casamento (²).

Vitimou-o uma hemoptise quando, talvez esperançado na vida que lhe fugia, pintava flores.

A glória foi-lhe apenas uma aurora
Que entrevira cingida d'aureas rosas!...
Veio logo do ocaso a treva horrenda
Matar-lhe a luz das crenças mais formosas!...

Mas quando já pendido á campa fria
O corpo, que sacodem cruas dores,
Inda a Arte lhe deu sorriso ameno!...
Cahia-lhe o pincel desfeito em flores!... (³)

(¹) A data de 27, dada n-*O Ocidente* por Manuel M. Rodrigues, está errada, como o comprova a certidão de óbito.

(²) *Carmo*.

Tem esta por fim felicitar-te pelo teu próximo casamento que bem pena tenho de não assistir, mas a minha doença assim o quer; eu deveria ser dos primeiros a felicitar-te, mas quando se está doente como tenho estado certo não notarias isso pelo contrário deves-me crer como irmão que sempre te estimou e estimará.

O meu maior desejo é que sejas muito feliz como o mereces, assim o espero, êle goza de excelentes qualidades, e é de esperar um futuro risonho.

Termino abraçando-te como teu irmão estremo

Henrique.

V.ª Viçosa — 2-84.

Amanhã escreverei ao Papá.

(³) Poesia da autoria do Dr. Francisco Pousão, dedicada à memória do filho. Datada de Odemira, 10 de Junho de 1884.

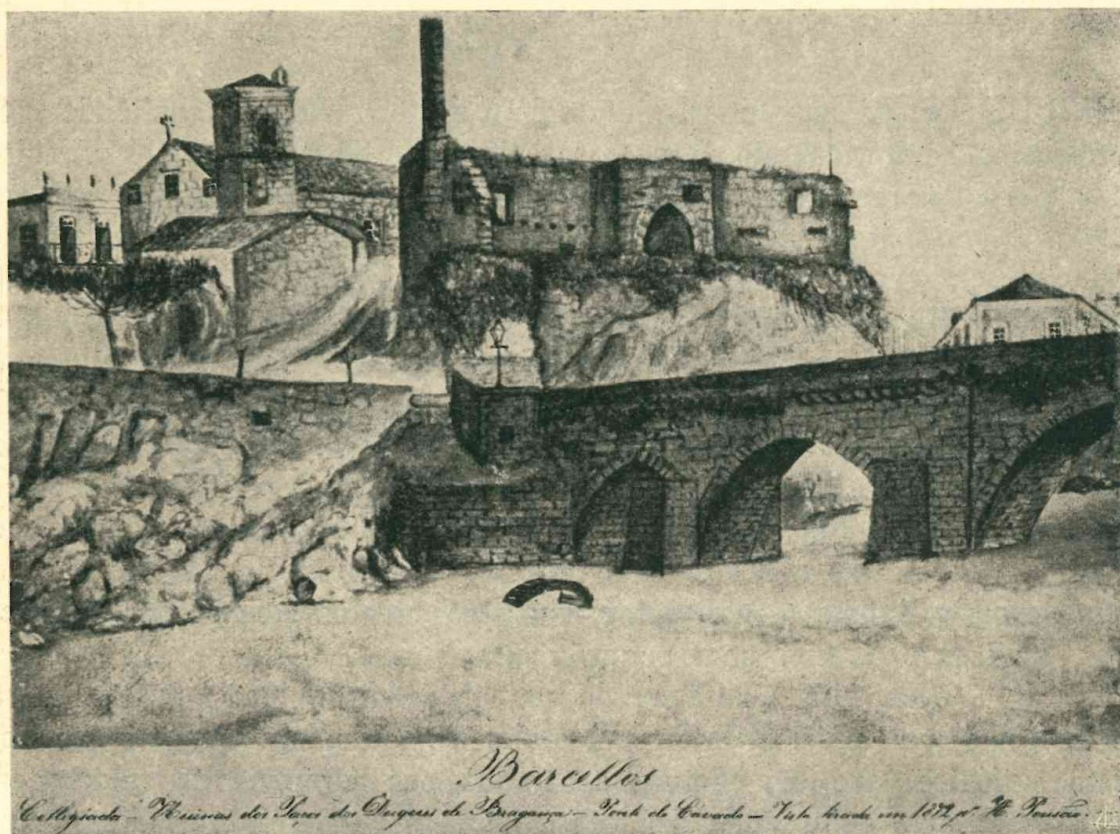
III

O ARTISTA

HENRIQUE Pousão nasceu estruturalmente pintor. Notória qualidade esta, revelada não propriamente na precoce habilidade de criança e nos primeiros trabalhos escolares mas na afirmação geral dos seus condiscípulos «*de que para êle nunca havia falta de assunto*», encontrando sempre, com a maior facilidade, a «nota pictórica», a fixar e a valorizar. A pequena tábua, exposta no Museu Nacional de Soares dos Reis, n.º 83, embora datada já de 1882, é, desta asserção, clara e insofismável prova. Um velho tapume de madeira, um resto de casario em ruínas e uma escada, tôska e abandonada, foram motivo bastante para êsse estudo que é, só por si, uma alta lição de pintura. Não foi o assunto que fez o quadro, mas a admirável interpretação pictórica dêsse assunto, aparentemente desprovido de qualquer interêsse ou beleza. O interêsse e beleza dêle provêm unicamente, intrinsecamente, da forma como o Artista o interpretou, viu a côr, melhor, decompôs a côr em tons, realizando, assim, uma pequena obra prima. Sem dúvida é esta a maior e a mais alta qualidade de um verdadeiro pintor; interpretar as côres como um músico interpreta os sons, criando, com êles, o conjunto sinfónico, que em pintura se traduz por harmonia de valores cromáticos, e que tanto pode ser conseguida com tons alacres, como com tons sombrios (caso Columbano). Pintar com côres é uma coisa; ter colorido, é outra. E Pousão foi, de facto, grande Pintor, justamente porque foi um grande colorista.

Desta verdade a demonstração está feita em tôda a sua obra, e muito especialmente, ainda, naquelas telas apenas esboçadas em que o esboço apresenta já tôdas as qualidades de um quadro acabado, acrescido do encanto que lhe dá a espontaneidade, a facilidade da impressão achada e não rebuscada. E porque assim foi, Pousão pode ser considerado como um excepcional temperamento de pintor «impressionista», um dos maiores do seu tempo, dando à palavra «impressionismo» o mais amplo significado, ou seja, a decomposição da côr em planos diferenciais de valores cromáticos, por incidência perpendicular da luz, com abandono das regras clássicas dos volumes em luz e sombra, e das linhas contornantes nitidamente recortadas.

Não pretendemos com estas palavras — entenda-se — dar uma definição global de «impressionismo», abrangendo nêle, especialmente, e nos seus variados aspectos, os chamados «mestres impressionistas», desde Courbet a Whistler. Apenas desejamos lembrar aquêlo modo da Arte de pintura, seguido e defendido por naturalistas e pintores do ar livre do século XIX, em consciente reacção com o neo-classicismo de Davide e Ingres e o simbolismo intelectual dos coloristas românticos da escola de Delacroix.



BARCELOS — Aguarela, 1872

Ano em que Henrique Pousão se matriculou na Academia Portuense de Belas-Artes

(Colecção de Dr. Francisco Fernandes Lopes)

E embora em Henrique Pousão não haja que determinar personalismos estranhos, deliberadamente procurados, pois que a obra do pintor se manteve, para honra sua, dentro de tendências gerais, certas influências mais directas a tocam por vezes, Marques de Oliveira, ainda em Portugal; Manet, em França.

Mas, de uma forma geral, o que se me afigura justo afirmar é que os valores pictóricos de Pousão se baseiam nas grandes massas cromáticas de que a luz é a grande criadora de colorido. Assim todo o campo pictórico é uma unidade em que os valores se encontram integrados e não isolados por

contrastes convencionais — princípio êste fundamental do «impressionismo» que Pousão perfilhou e serviu com rara mestria, especialmente nos trabalhos datados de 1882 e 83.

Alentejano pelo nascimento e pelo sangue, — não o esqueçamos — Pousão foi também, como pintor, *um alentejano*.

As amplas perspectivas das largas planícies; os brancos e azuis — tanto do seu agrado — do céu e dos «montes»; as linhas direitas, nitidamente



GUIMARÃES — Castelo — Óleo s. d.

(1873-1875)

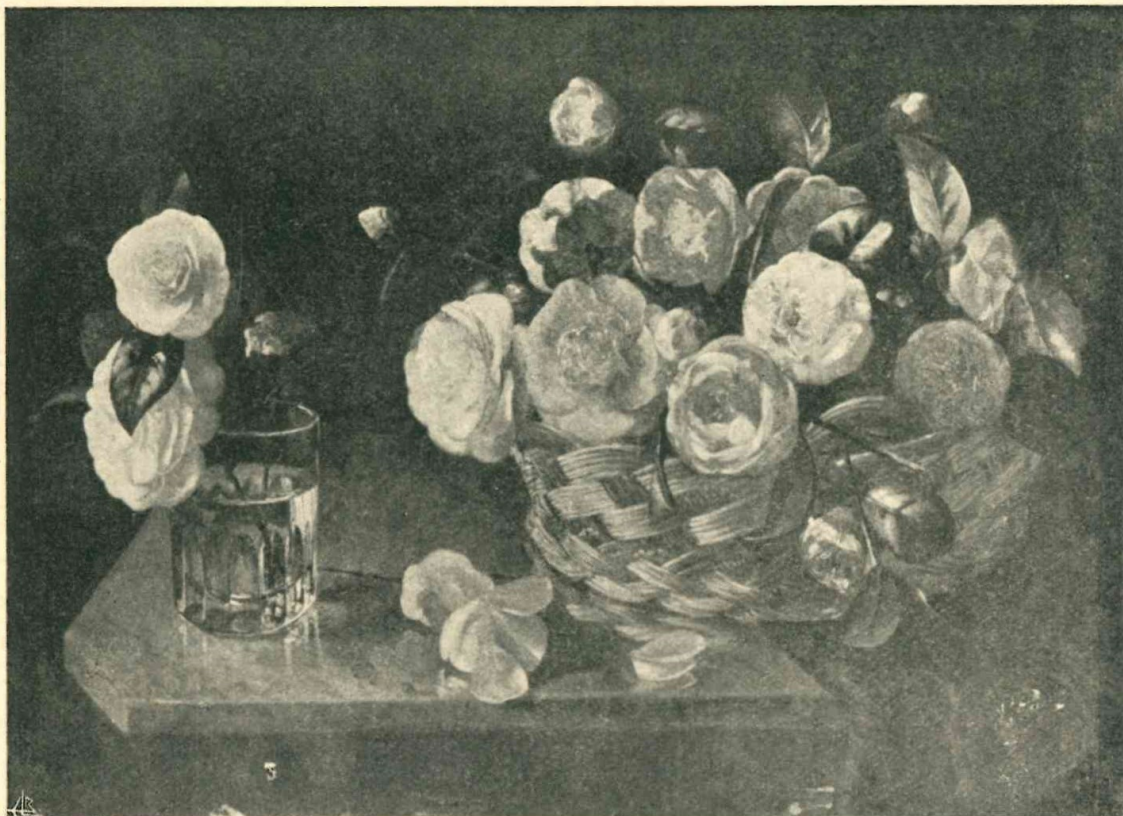
(Colecção de Dr. Silvestre Falcão Ramalho Ortigão)

recortadas, geométricas, das construções, das amplas searas, das terras alqueivadas e até das próprias sombras das nuvens projectadas nas vastas campinas charruadas de fresco, desde menino educaram seus olhos, de fino e arguto visual, até surgirem mais tarde, da sua paleta e dos seus pincéis, em tôda a pureza de colorido e desenho.

Dêste modo, e desde criança, seus olhos habituaram-se a simplificar a linha, o volume e a côr. E com o estudo e com os anos, essa simplificação natural, intrínseca no pintor, chegou a atingir, no céu cobalto e na luz intensa do Mediterrâneo, tão afim da do seu Alentejo e Algarve distantes — em

trabalhos realizados especialmente em 1883, nos últimos meses passados em Capri — aquela luminosidade rara e fluída, e superior beleza de linhas e de planos, de tantos ambicionada e só atingida por alguns dos mais ousados mestres «impressionistas».

Outra afirmação prévia se me afigura ainda essencial: Pousão viveu e morreu estudante. Assim todos os seus trabalhos que não foram realizados sob a alçada directa dos mestres ou a êstes destinados, como prova de



CAMÉLIAS

Prova escolar, óleo

(Museu Nacional de Soares dos Reis)

bom aproveitamento escolar, realizou-os êle dentro da mais ampla liberdade, quer na escolha dos assuntos, quer na sua interpretação e realização pictórica.

De acôrdo com êstes três postulados, dividiremos agora a sua obra, para melhor compreensão e estudo, em dois grandes grupos; a dos trabalhos directa ou indirectamente escolares, e aquêles outros em que o Pintor pintou apenas para si, livre de peias académicas, de sentenças de críticos e até mesmo das preferências — quási sempre prejudiciais aos artistas — do público amador de belas-artes...

Dentro destes dois grupos, há, ainda, que marcar quatro períodos. Dois em Portugal: 1.º: ensino oficial com os professores Tadeu Maria Furtado e João António Correia; 2.º: trabalhos do quinto ano, influenciados por Silva Pôrto e Marques de Oliveira, através dos quadros por estes antigos alunos remetidos de França para a Academia Portuense de Belas-Artes, como pensionários do Estado em Paris.

Dois períodos em Portugal; outros dois no estrangeiro. O de Paris: Cabanel e Yvon, os museus, as exposições, os mestres impressionistas. O de Itália: *O Círculo dos Artistas*, Roma. Capri: o estudante sem mestres.

Pormenorizando. Se precocemente revelou Pousão a sua inata tendência para o desenho, a sua natural habilidade ⁽¹⁾, das suas reais qualidades de pintor só podemos avaliar a partir do quadro *Cêsto de Camélias*, datado de 1877. Acusando toda a influência da escola e dos mestres, essa pintura, desenhada e recortada à maneira de João Correia, revela-nos já uma fina visão dos valores pictóricos, duros embora, mas tão certos e seguros que a «fotografia», nestas páginas reproduzida, nitidamente os acusa, valorizando-os. E já então, como em toda a sua obra, aliás, *os brancos* aparecem em toda a sua pureza, tão rigorosos e certos de tom, que o Pintor não usou de facilidades para os colocar nos planos devidos. Estes estão no seu lugar, apenas porque os valores cromáticos foram plenamente conseguidos. Trabalho escolar, como o são as «academias» da mesma época, Pousão é então — como forçoso é que fôsse — um fiel discípulo dos mestres e dos seus processos. A pincelada é ainda desenhada; a sombra e a luz jogam com os volumes e, estes, são obtidos por contrastes, dentro de regras e princípios estabelecidos.

A cabeça de Firmino ⁽²⁾ — funcionário da Academia, que Soares dos Reis modelou — é outro exemplo a salientar. Nela, Mestre João Correia está presente. Bem construída e bem desenhada, a *terra de sena* domina a paleta de Pousão. As lacas, os tons finos, dourados e transparentes, não apareceram ainda, mas não devem já andar longe da retina do pintor, observados e estudados nas telas de Marques de Oliveira e Silva Pôrto, pensionistas no estrangeiro. De Silva Pôrto copiou Pousão, pelo menos, dois

(1) Os dois trabalhos reproduzidos, a «aguarela» de Barcelos e o «óleo» de Guimarães, da infância do Artista, ingênuos ambos, nada mais revelam que natural habilidade. São, no entanto, duas provas documentais muito importantes pelas dúvidas que esclarecem quanto aos primeiros trabalhos de Pousão.

(2) Pertence ao Sr. Eurico Lima de Magalhães.

quadros, *Seara* ⁽¹⁾ e *Rua da Normandia* ⁽²⁾, e em outros estudos que conhecemos a sua presença faz-se sentir de perto e não pode ser negada. Os quadros e *academias* dêste Artista e de Marques de Oliveira, provas de estudo, remetidas de Paris e Roma, vinham, ano a ano, agitando o limitado meio artístico portuense, onde se formava um escol de rapazes de forte temperamento, sequiosos de ver e saber, cheios de ambições e de sonhos... E assim, indirectamente, através dos dois antigos alunos da Academia, ia chegando aos poucos ao Pôrto o *impressionismo* e o *ar livre*, a grande corrente revolucionária da época.

O *Filho Pródigo* de Marques de Oliveira, datado de Roma, 1877, foi, nesse ano distante de 1878, uma grande lição. Pousão compreendeu-a e sentiu-a mais e melhor que ninguém. Na prova final do 5.º ano, *Daphne* e *Chloe*, 1879, classificada com 18 valores, a sua paleta é já outra. Tudo neste seu trabalho está influenciado pelo *Filho Pródigo*; a tonalidade geral, a maneira de pincelar, o sentido decorativo da paisagem. Pousão já não desenha com o pincel; não busca claros e escuros, a *terra de sena* desapareceu da sua paleta.

À maneira de Marques de Oliveira a paisagem que serve de fundo ao quadro é mais decorativa do que real, lembrando Puvis de Chavannes. A mancha de côr domina e sobrepõe-se ao desenho e a transparência das carnes e das roupagens é procurada com «vermelhos», com brancos e dourados, tons finos e frios, tonalidades novas para os discípulos de Mestre Correia. Há, ainda, uma pequena tela, sem data, *Cabeça de homem* ⁽³⁾ em que a influência de Marques de Oliveira é notória. Noutra pequena tela, mas já datada de 1880, exposta no Museu Nacional de Soares dos Reis, n.º 109, *Casa rústica em Campanhã*, lê-se esta nota enternecedora, no verso: *em companhia de Marques de Oliveira*. Da admiração e amizade de Pousão por aquêlê que, indirectamente embora, fôra afinal seu guia e mestre, ainda uma prova mais; a carta que lhe dirigiu de Paris, em 10 de Dezembro de 1881, já deabalada para Roma ⁽⁴⁾.

Sei que está professor da nossa Academia e êsse é o segundo motivo que me leva a escrever estas poucas linhas para o felicitar com entusiasmo, sincero e franco de amigo, creio acreditará que estimei deveras tão boa nova.

Através de Silva Pôrto e de Marques de Oliveira sofreu pois, Pousão, a influência das novas correntes e tomou indirecto contacto com os novos processos que, dentro em breve, iria, por sua vez, ver e estudar em Paris.

(1) Pertence ao Sr. Dr. Silvestre Ortigão, casado com uma sobrinha neta de H. Pousão.

(2) Da colecção do Sr. Eurico Lima de Magalhães. Os dois originais de Silva Pôrto encontram-se no Museu Nacional de Soares dos Reis.

(3) Da colecção do Sr. Eurico Lima de Magalhães.

(4) Carta existente na valiosa colecção de autógrafos da Biblioteca Municipal do Pôrto, organizada pelo seu ilustre director, Dr. Joaquim Costa.

As três telas de S.^t Sauve, expostas no Museu Nacional de Soares dos Reis, n.^{os} 110, 158 e 165, marcam um momento na vida artística de Pousão.



O FILHO PRÓDIGO
por Marques de Oliveira

(Museu Nacional de Soares dos Reis)

Menos pessoais sem dúvida, mais directamente influenciados pelos mestres franceses, elas acusam, porém, notáveis progressos. A qualidade da matéria,

a riqueza do colorido, o empastado das tintas, a simplificação do desenho pela mancha, revelam já um Pousão mais seguro de si, de paleta mais rica, e, sobretudo, mais senhor do processo, da técnica pictórica. Comparando as duas cabeças do homem, a de Firmino, atrás citada, e a que no Museu Nacional de Soares dos Reis, não exposta, tem o n.º 86, — *Cabeça de Velho* — datada: *Atelier Cabanel, Paris, 10-12-81* — sente-se bem o caminho percorrido e os progressos realizados. Pousão pinta já por forma diferente, pincelando por massas e conseguindo, com estas, o desenho e o volume, sem recorrer ao recorte do pincel para marcar linhas ou estabelecer separação de valores.

Melhor ainda o largo caminho ascensional do pintor pode ser acompanhado, par e passo, no álbum das *academias* a carvão e *sauce* existente na Escola de Belas-Artes do Pôrto. Documentação completa de 1872 a 1883. Admiráveis já como desenho, os primeiros, nêles o pintor vai surgindo pouco a pouco, de fôlha para fôlha. A partir de 1881 já não é o traço, mas a «côr», a luz, que dominam e vencem.

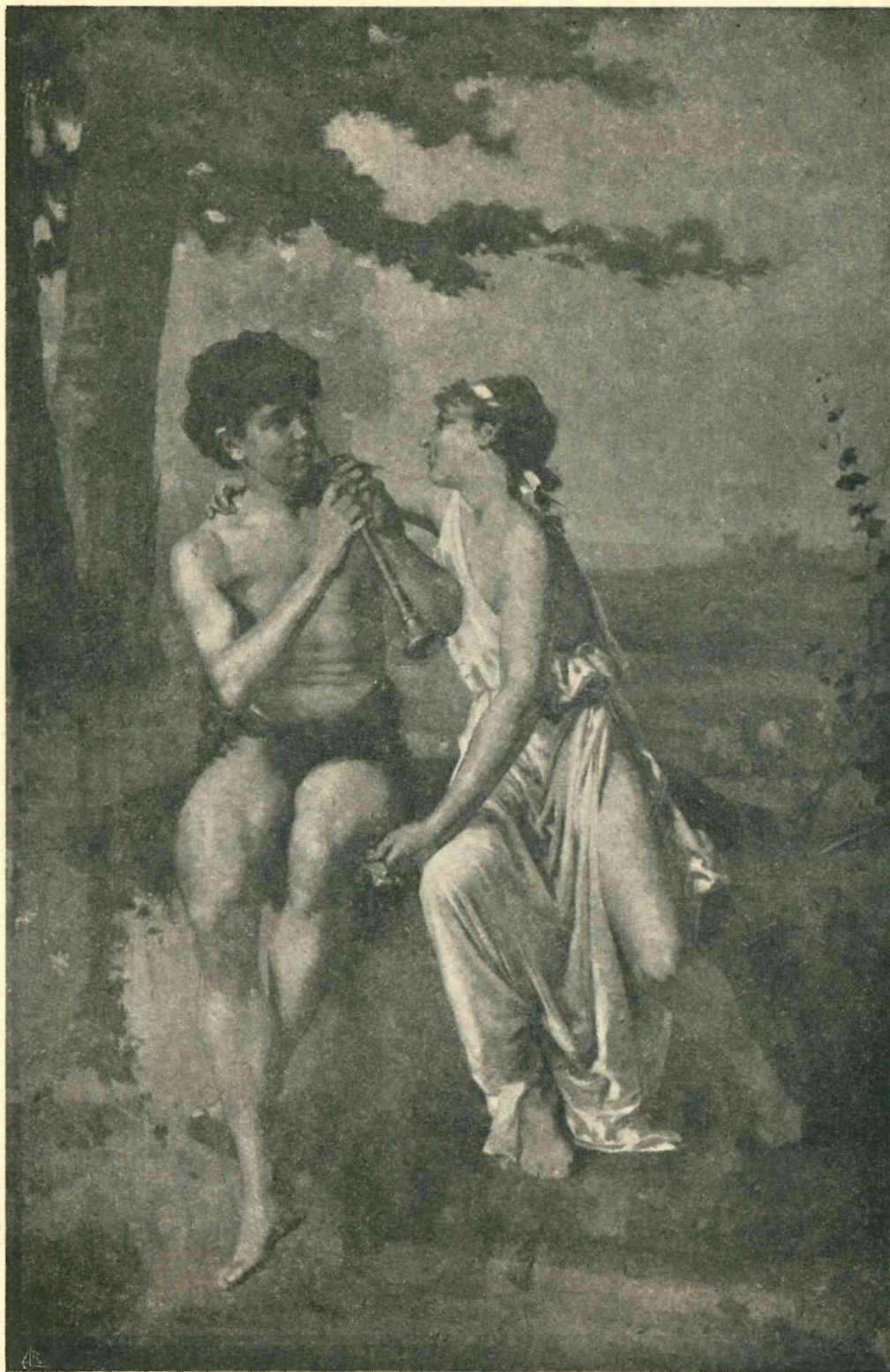
As três últimas principalmente, duas delas datadas, — Roma, 1883 — possivelmente realizadas à noite no *Círculo dos Artistas*, correspondem, inteiramente, às mais belas e audaciosas telas dessa época.

A passagem por Paris, oficinas de Cabanel e Yvon, está nesse álbum amplamente documentada. Ao partir, em Dezembro de 81, para Roma, não por desejo seu ⁽¹⁾ mas forçado pela doença que o principiava a minar surdamente, Pousão levava já os conhecimentos precisos para poder caminhar só por si, sem amparo de quem quer que fôsse. E na Itália, em busca de clima mais ameno, iria descobrir, no céu azul, na luz e no sol do Mediterrâneo, o seu Algarve saudável e distante; e o homem e a paisagem encontraram-se de novo...

Os trabalhos de 1882 estão quási todos datados e é fácil seguir, nêles, o caminho andado. *Cecília, Cansada, Esperando o Sucesso, Casas brancas de Capri, Rua de Capri, Ramada e Muro* e tantos outros, e essa admirável figura de mulher vestida de negro, datada de Roma 82, possivelmente um dos modelos do *Círculo dos Artistas*, talvez — quem o pode negar ou afirmar hoje? — aquêles mesmo modelo de *academia*, nu, óleo sem data, de admiráveis panejamentos brancos e azuis, existente na Escola de Belas-Artes do Pôrto. Um e outro mostram já o pintor em plena posse de tôdas as suas excepcionais qualidades; domínio absoluto do desenho e da côr, elegância da forma e harmonia perfeita dos valores cromáticos.

Os trabalhos de 1883, quási todos por datar, são precisamente aquêles

(1) Na já citada carta de Pousão a Marques de Oliveira, diz êle: «Creio deve saber que vou deixar daqui a alguns dias Paris com destino a Roma. Fui obrigado pela saúde a tomar uma resolução, porque de contrário não desejava fazer esta viagem e deixar esta linda cidade que ri sempre».



DAPHNE E CHLOE

(Museu Nacional de Soares dos Reis)

em que o pintor mais ousadamente nos revela a sua personalidade inconfundível, atingindo, por vezes, audácias revolucionárias, ultrapassando, assim, em concepção e em realização, a maioria dos pintores seus contemporâneos. É o Pousão sem mestres.



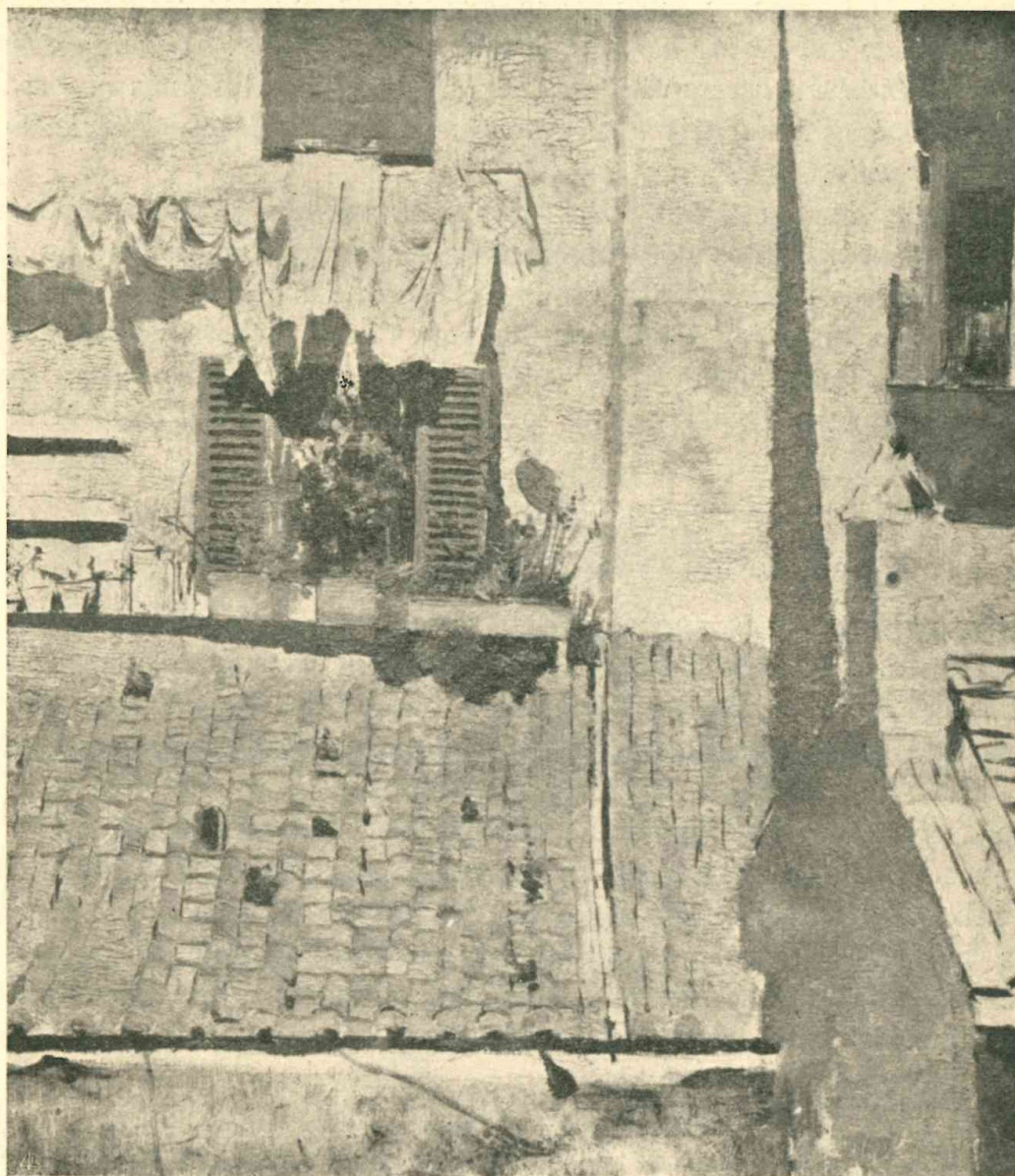
VELHA BRETÃ A DOBAR (S.^a Sauve)

(Museu Nacional de Soares dos Reis)

Em boa razão, e em sentido exacto, podemos considerá-lo agora «um modernista», isto é, alguém que trouxe alguma coisa de novo no seu tempo, alguma coisa que ainda não tinha sido dita pela maneira nova como êle o fêz. Ao escrever estas palavras, no exacto sentido que lhes dou, refiro-me espe-

cialmente a duas telas excepcionais; *Casa das persianas azuis*, n.º 114 e *Uma descida de Anacapri*, n.º 432. Numa e noutra o pintor usou de processos seus, para além do que aprendera.

Todo o seu poder de simplificação e de síntese está nessas duas telas,



CASA DAS PERSIANAS AZUIS

(Museu Nacional de Soares dos Reis)

em que a luz foi vencida, em que a côr perdeu todos os valores para ser apenas irradiante e fluída...

Em 1883, Pousão não é já um estudante distinto, uma grande promessa, é, sim, um grande pintor, um grande artista por consagrar.

Justas e merecidas foram pois as palavras ditas, em sua memória, pelo Conde de Samodães, ao inaugurar, na Academia, o ano lectivo de 1884 ⁽¹⁾:

Mas se na apreciação destas perdas (referia-se a Manuel da Fonseca Pinto e a Tomaz Augusto Soller) há comparações que se justifiquem, assinalemos, como mais sensível ainda a de Henrique César de Araújo Pousão, pensionário do Estado no estrangeiro, que se finda no alvorecer da existência, no momento em que se lhe abria uma carreira de glória. Quando após um concurso brilhante era escolhido para ir completar em Paris os seus estudos artísticos, mal se poderia prever que não teria de volver à Pátria se não para morrer nela.

O Conde de Samodães, Inspector da Academia, conhecia apenas de Pousão aquêles trabalhos por êle enviados de Paris e Roma, como provas de aproveitamento escolar. O seu espólio artístico estava na posse da família. Ignorado então, quási ignorado ficou por largos anos, embora confiado, depois, pela viúva do Juiz Pousão ao Museu do Pôrto, — entregue ainda à guarda e direcção daquela Escola de que o enteado fôra um dos mais brilhantes alunos.

Duas palavras finais, apenas a título de esclarecimento. Partindo de informação errada, admitiu o Doutor Abel Salazar que a pequena tela *Um pátio*, n.º 103, existente no Museu Nacional de Soares dos Reis tivesse sido pintada na casa onde viveu Pousão, com a família, em Barcelos, e, nessa afirmativa, baseou parte do seu estudo. A aceitar tal facto, essa tela teria sido realizada entre 1871-1873, na infância do Artista. Aturadas investigações, provaram-nos, porém, que na casa de Barcelos, bem como na de Vila-Viçosa, da família Matroco, não havia o pátio em referência, nem ainda nas casas depois habitadas pelo Juiz Pousão, na sua vida errante de magistrado. Um exame cuidadoso dessa tela, sem data, leva-nos a situá-la entre 1879, fim do curso, e 1881, seu primeiro ano em Itália. Inclinámo-nos para esta última hipótese.

Comparada com a tábuia que, no Museu Nacional de Soares dos Reis, figura com o n.º 100 — *Ramada e muro, com vasos — Capri*, 1882, vê-se que lhe é anterior pela factura, mas não, talvez, muito distante dela. Comparada porém com os trabalhos de Barcelos e Guimarães, verifica-se, sem custo, que lhes é posterior, de alguns anos.

A boa vontade dos homens não pode ultrapassar a realidade dos factos. . .

(1) «Catálogo das obras apresentadas na décima-quarta Exposição Trienal e discurso pronunciado pelo II.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Conde de Samodães, Inspector da Academia Portuense das Belas-Artes na respectiva sessão pública e distribuição de prémios da mesma Academia no dia 31 de Outubro de 1884», — Págs. 7 a 11.

Nem ela é necessária à glória de Henrique César de Araújo Pousão. A sua obra, na sua quási totalidade hoje condignamente exposta no Museu Nacional de Soares dos Reis, é, acima de tudo, uma grande e bela obra plástica, que podendo sugerir muita «literatura», em boa verdade, não aceita nenhuma. Existe por si, vive por si, fala por si. Foi pois essa linguagem, simples e clara, baseada em datas e factos concretos, que procurei ordenar e definir para melhor interpretação crítica do Artista.

Possa a memória do Pintor perdoar-me, agora, aquelas apreciações mais literárias que, por deficiência minha, involuntariamente escrevi.

BIBLIOGRAFIA

- Catálogos da 11.^a, 12.^a, 13.^a e 14.^a Exposição trienal da Academia Portuense de Belas-Artes — Pôrto, 1874, 1878, 1881 e 1884.
- «O Ocidente» — Vol. III, N.º 72 — Lisboa, 15-XII-1880, «As nossas gravuras»; Vol. VII, de 1884, «Henrique Pousão», por Manuel Maria Rodrigues.
- «A Arte Portuguesa» — Ano I, N.º 5 — Pôrto, Maio de 1882, «Crónica», por Manuel Maria Rodrigues; N.º 6, de Junho de 1882, «Cecília», pelo mesmo; N.º 9, de Setembro de 1882, «Esperando o sucesso», pelo mesmo.
- «Almanaque do Ocidente» para 1885 — Lisboa.
- «O Instituto» — Vol. XXXIII, 2.^a Série — Coimbra, 1886, «Notícia de alguns artistas...» por F. A. Rodrigues de Gusmão.
- «Catálogo Ilustrado da Exposição de Arte» — Pôrto, 1888.
- «Grémio Artístico. Exposição Extraordinária» (Catálogo) — Lisboa, 1898.
- «Soares dos Reis e Teixeira Lopes», por António Arroio — Pôrto, 1899, «Influência exercida por Soares dos Reis. Os seus discípulos».
- «Gazeta Ilustrada» — Ano I, N.º 3 — Coimbra, 15-VI-1901, «Pousão», por Teixeira de Carvalho; N.º 5, de 29-VI-1901, «Henrique Pousão», por João Lúcio; N.º 21, de 19-X-1901, «A arte, o Povo e as Crianças», por Teixeira de Carvalho.
- «Enciclopédia Portuguesa Ilustrada», publicada sob a direcção de Maximiano Lemos — Vol. VIII — Pôrto, s. d.
- «Portuenses Ilustres», por José Pereira de Sampaio (Bruno) — Têmo I — Pôrto, 1907, Cap. VII.
- «Elementos de História de Arte», por J. Ribeiro Cristino, s. d. IV, «Arte Moderna», Cap. V.
- «Portugal». Dicionário... por Estêves Pereira e Guilherme Rodrigues. Vol. V.— N. P.— Lisboa, 1911.
- «Terra Portuguesa» — Ano II, N.ºs 13-14 — Lisboa, Fevereiro e Março de 1917, «Casas de Portugal», I, «A Casa dos Patudos», por José Queirós.
- «Junta Patriótica do Norte. Catálogo do Grande Certame de Arte» — Pôrto, 1917.
- «Conversar», por Augusto de Castro — Lisboa, 1919, «João Lúcio».
- «Guia de Portugal» — Vol. I — Lisboa, 1924.
- «Alma Nova» — Série IV, N.º 7 — Lisboa, 1-VII-1926, «Artistas Portugueses. Henrique César de Araújo Pousão», por Albino Lapa.
- «Regressos», por M. Teixeira Gomes — Lisboa, 1985, «No Pôrto (1893)».
- «Guia Histórica e Artística do Pôrto», por Carlos de Passos — Pôrto, 1935, «Museu Nacional de Soares dos Reis».
- «Portucale» — Vol. VIII — Pôrto, 1935, «Vária», «Jesus»; Vol. XIII, de 1940, «A propósito de Zola», por António Carlos.
- «O Diabo» — Ano I, N.º 13 — Lisboa, 23-IX-1934, «Pim-Pam-Pum», por Diogo de Macedo; Ano III, N.ºs 141, 142, 143, 144, 147 e 149, de 7, 14, 21 e 28-III, 18-IV e 2-V-1937, «Henrique Pousão moço pintor alentejano e do seu lugar de destaque no impressionismo europeu», por Abel Salazar; Ano IV, N.º 157, de 27-VI-1937, «Subsídios

- inéditos para a história da vida e da obra de Henrique Pousão», por Francisco Fernandes Lopes; Ano V, N.º 243, de 20-V-1939, «A musicalidade da côm em Pousão», por Abel Salazar.
- «História de Portugal». Ed monumental... Vol. VII — Barcelos, 1935. Quinta época (1816-1018), Cap. V. Arte: b) Escultura, pintura e artes decorativas, por Aarão de Lacerda.
 - «Soares dos Reis, repórter do *Ocidente*», por Ângelo Pereira — Vila-Nova-de-Famalicão, 1936.
 - «Museu Nacional de Soares dos Reis» (Antigo Museu Portuense). Relatórios apresentados ao Conselho Superior de Belas-Artes pelo seu vogal-correspondente, Director do Museu, Vasco Valente. 1933 e 1934 — Pôrto, 1936.
 - «Sociedade Nacional de Belas-Artes». 1.ª Exposição de Arte Retrospectiva (1880 a 1933) — Lisboa, 1937.
 - «Nova Monografia do Pôrto», organizada por Carlos Bastos — Pôrto, 1938, «O Pôrto na Arte Nacional», por Carlos de Passos.
 - «Peregrinações em Lisboa», por Norberto de Araújo — L.º XIII — Lisboa, s. d. [1939] «S. Francisco».
 - «Portugal em Roma» pelo Padre José de Castro — Vol. II — Lisboa, 1939 (1).
 - «Lelo Universal» — Vol. II — Pôrto, s. d. [1934-1940].
 - «Exposição de Desenhos de Artistas da 2.ª Metade do Século XIX», organizada pela Academia Nacional de Belas-Artes (Catálogo) — Lisboa, 1940.
 - «Duas Cartas ao Dr. Vasco Valente», por Brás Burity — Pôrto, 1940.
 - «Algumas Obras de Arte Portuguesa», apresentadas por Diogo de Macedo — Álbum N.º 1 — Lisboa, 1940.
 - «Ocidente» — Vol. XII, N.º 33 — Lisboa, Janeiro de 1941; N.º 34, de Fevereiro do mesmo ano; Vol. XIX, N.º 60, de Abril de 1943, «Notas de Arte», por Diogo de Macedo.
 - «Exposição de Arte Ornamental dos Séculos XIV a XX» (Catálogo) — Évora, 1941.
 - «Boletim da Casa do Alentejo» — Lisboa, Maio de 1942, «As obras do pintor alentejano Henrique Pousão», carta por S. Dordio Gomes.
 - «A Cidade de Évora» — Vol. I, N.º 4 — Évora, Setembro de 1943, «Henrique Pousão» Pintor alentejano. Apontamentos biográficos, por Celestino David. Edição em separata.
 - «Atlântico» — N.º 4 — Lisboa, 1943, «O Pintor Henrique Pousão», por Manuel de Figueiredo.

(1) Indicado «Paixão» por Pousão.

EDIÇÃO DE 300 EXEMPLARES,
NUMERADOS E RUBRICADOS
: : : : : PELO AUTOR : : : : :

N.º 79

Loty 2

biblioteca
municipal
barcelos



6034

O pintor Henrique Pousão